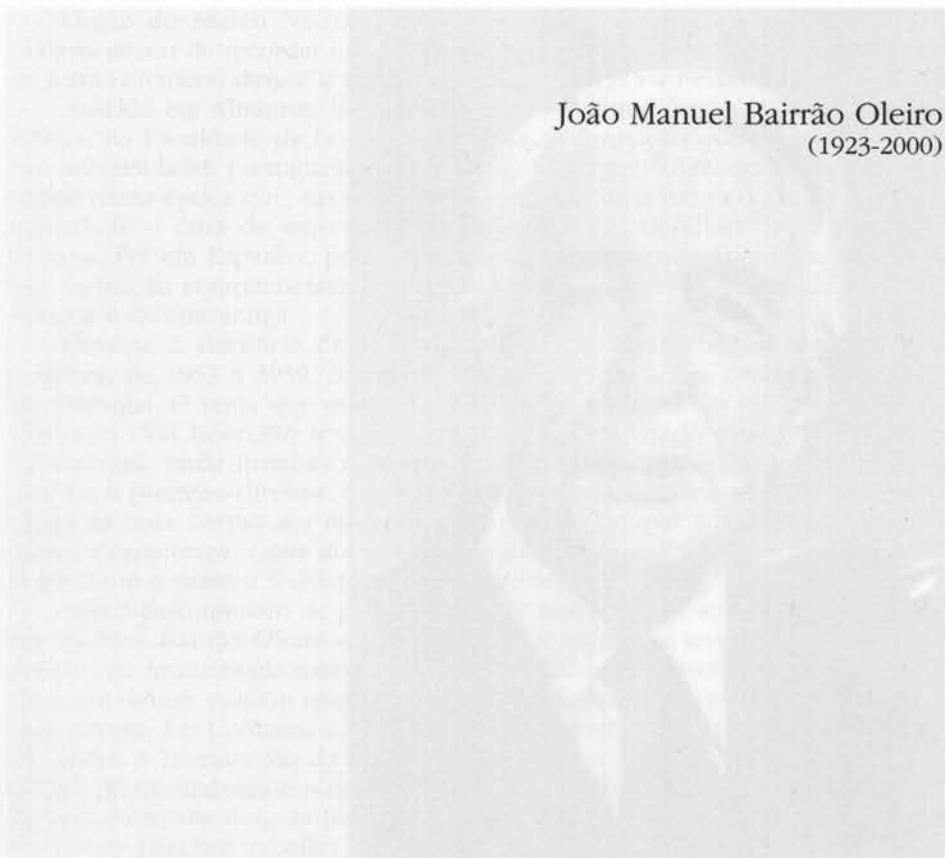
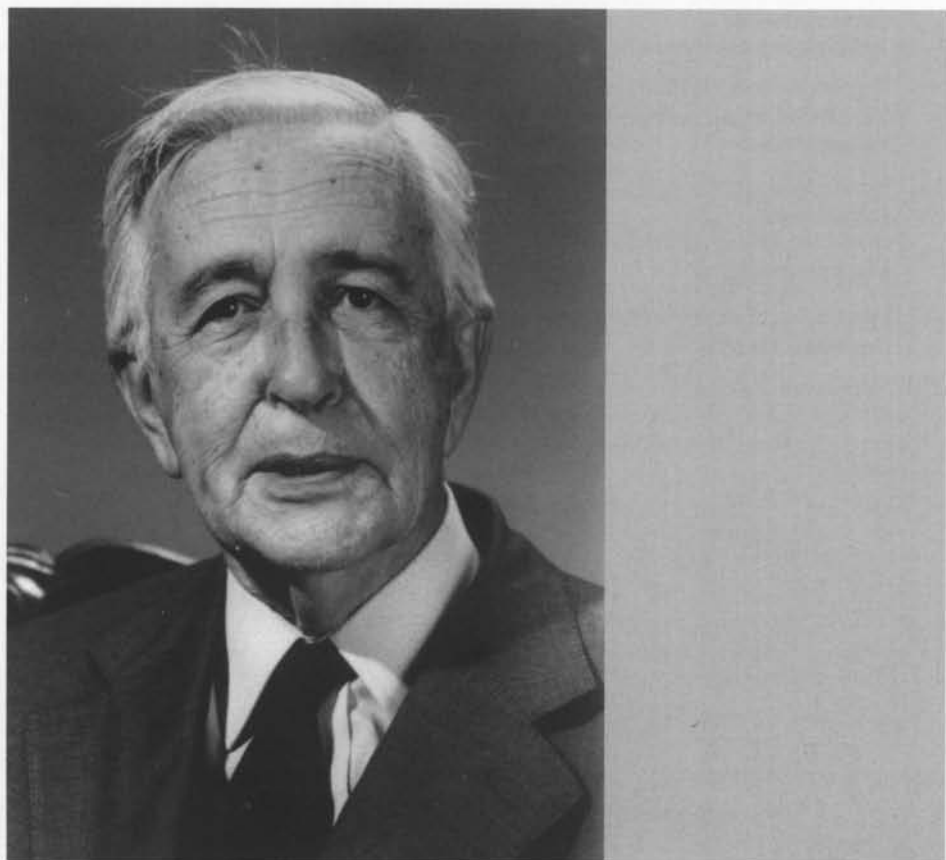

In Memoriam

João Manuel Bairrão Oleiro
(1923-2000)



In Memoriam



Órgão do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português* não poderia deixar de recordar nas suas páginas o Prof. Bairrão Oleiro, que, embora de forma efémera, dirigiu o museu: de Junho de 1975 a Fevereiro de 1977.

Nascido em Abrantes, licenciou-se em 1947, em Ciências Históricas e Filológicas, na Faculdade de Letras de Coimbra. A formação que então se recebia nas universidades portuguesas, no domínio da Arqueologia, era reduzida, mormente nessa época que, no nosso país, corresponde a um período de reduzida actividade e falta de especialistas, sobretudo no domínio da Arqueologia romana. Foi em Espanha, principalmente em Barcelona e Ampúrias, que recebeu formação complementar, nas áreas de técnicas de escavação, da cerâmica romana e da arte antiga.

Deve-se à docência de J. M. Bairrão Oleiro na Faculdade de Letras de Coimbra, de 1953 a 1959, o começo da investigação sobre cerâmicas romanas em Portugal. O tema que mais particularmente o interessou foi, porém, o dos mosaicos. Tal interesse terá sido, em parte, despertado pela sua ligação a Conimbriga, onde instalou o Museu Monográfico, inaugurado em 1962 e do qual foi o primeiro director. O interesse pelos mosaicos viria a resultar na publicação da obra *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. I. Conventus Scallabitanus. Conimbriga. Casa dos Repuxos*, publicado em 1992 e justamente galardoado com o prémio Gulbenkian de Arqueologia.

Não é pelo número de publicações que podem aferir-se os méritos científicos do Prof. Bairrão Oleiro e a importância decisiva que teve na renovação dos estudos de Arqueologia romana em Portugal. Podemos dizer que lançou sólidos alicerces de um edifício que outros, por ele dinamizados e orientados, depois construíram. Em Coimbra, a fundação do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, o lançamento da revista *Conimbriga*, a instalação do Museu Monográfico de Conimbriga e o estabelecimento de protocolo com a *Mission Archéologique Française* dirigida pelo Prof. Robert Étienne – criaram as condições institucionais para um trabalho por seus discípulos depois prosseguido. Em Lisboa,

no departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, para a qual entrou como professor catedrático convidado em 1976, e na qual se manteve até à sua jubilação em 1993, criou um outro grupo de discípulos, mais interessados agora nos domínios da arte antiga (arquitectura, escultura e mosaicos).

Os diversos cargos públicos que exerceu (entre eles, Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, Director-Geral dos Assuntos Culturais, Vice-Presidente do Instituto Português do Património Cultural) desviaram-no, algum tanto, da investigação e muito, da produção científica; mas, ao mesmo tempo, proporcionaram-lhe a possibilidade de intervir activamente na criação de estruturas institucionais que faltavam ao país e sem as quais a investigação e a preservação/valorização do património cultural eram difíceis e precárias. Não será possível fazer-se a história da Arqueologia e da Museologia em Portugal, ou abordar-se a história da conservação e restauro dos bens culturais (arqueológicos e histórico-artísticos) sem que sempre se profile, conhecedora, informada, atenta, dinamizadora mas prudente, renovadora mas cortando nos excessos, a personalidade tutelar do Prof. Bairrão Oleiro.

Cremos que o adjectivo "tutelar", despidido de quaisquer conotações de violência ou proibição feita aos tutelados, mas rico das noções de amparo, conselho, orientação, dinamização e fabrico de concórdias, exprime, melhor que nenhum outro, o que foi, na Arqueologia e Museologia portuguesas, o papel desta figura que, além de tudo, irradiava uma simpatia que, por si só, já convenciam quem dele se abeirava, antes que produzisse quaisquer argumentos com que defendesse suas ideias.

Seríamos tendenciosos se pretendêssemos encontrar, no Prof. Bairrão Oleiro, a origem única de toda a renovação e incremento da Arqueologia, Museologia e Conservação e Restauro em Portugal, desde os anos 60 e 70; temos de repartir os méritos do que se fez com outras figuras da sua geração e pensar que muitos dos que hoje se evidenciam em tais campos não se formaram no seu magistério. Mas, mesmo nestes, encontramos, pelo Prof. Bairrão Oleiro, um respeito acrescentado, uma admiração, uma estima e um reconhecimento de dívida que são a demonstração do muito que todos, em Portugal, devemos a quem, da nossa companhia, que não da nossa lembrança, se ausentou.

Jorge de Alarcão